

O ESPAÇO REDIMENSIONADO DA FICÇÃO

Bella Jozef *

Em seu último livro publicado, *Cidade Calabouço* (1973),¹ o romancista Rui Mourão amplia a visão de *As Raízes* (1956) e *Curral dos Crucificados* (1971). Apesar de manter com as anteriores estreita identidade de intenções, *Cidade Calabouço* manifesta visível amadurecimento do ficcionista que desvela um mundo em crise. Constitue, a nosso ver, obra importante da ficção da atualidade brasileira, que vem ao encontro das tendências da literatura universal de vanguarda.

No nível semântico, o livro de Rui Mourão pertence ao "realismo mágico", termo que necessita ser explicitado, por haver adquirido conotação demasiado abrangente. Manifesta-se uma concepção poética da realidade, através de metáfora literal ("imagem tensa e condensada" p. 29) que anula o princípio da identidade e o consequente pensamento lógico. O processo cognoscitivo leva-nos a uma apreensão da realidade empírica. A intuição acrescenta a esse conhecimento a crença numa realidade supra-real. Ao unir ambas visões, o homem ve-se diante de um todo. Para a mente mítica, o empírico e o não-empírico possuem o mesmo grau de irrealidade. Ao eliminar desta os princípios lógicos, perde-se a irreversibilidade do tempo e a dimensão unívoca do espaço. Assim, nega-se a unidade e finitude dos fatos e a necessidade teórica de que um fato seja considerado único em um tempo e espaço determinado. Na visão mítica da realidade, nada é estático, invariável nem unívoco. As passagens de um segmento a outro têm lugar no que Mircea Eliade chama de "tempo sagrado". Este difere do "profano" em sua reversibilidade:

O tempo sagrado é recobrado e repetido indefinidamente (infinitamente). Poderia dizer-se que não "passa", que não constitue uma duração irreversível. É um tempo ontológico. "Parmidesiano"; sempre permanece igual a si mesmo, não muda nem se esgota.²

* Doutora em Letras Neolatinas, Livre Docente de Literatura Hispano-Americana, Catedrática Honorária da Universidade Mayor de San Marcos (Peru), Bella Josef é Professora Titular de Literatura Hispano-Americana na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Além de inúmeros artigos em revistas especializadas e suplementos literários publicou na *Vozes História da Literatura Hispano-Americana* (1971) e *Espaço reconquistado* (1974).

1 MOURÃO, Rui. *Cidade calabouço*. São Paulo, Quirón, 1973. 108 p.

2 ELIADE, Mircea. *Le sacré et le profane*. Paris, Gallimard, 1965. p. 69.

O tempo mítico e o espaço mítico estão em um estrato definido. Dada a contínua fluidez da vida são possíveis as passagens de um modo existencial a outro e também de um tempo e um espaço a outro. Isto equivaleria a uma superposição dos estratos empíricos e supra-real, sendo o primeiro o nível onde ocorrem os fatos segundo leis lógico-causais e o segundo o meio, a passagem que o unifica no todo.

Também a mitologia complexa de *Cidade Calabouço* o coloca na categoria neo-barroca, por atualizar uma série de características surgidas na época trágica e dinâmica do Barroco, sugerindo uma sociedade em crise, "na prisão entre quatro paredes" (p. 17). A linguagem acumulativa e reiterativa assinala o neo-barroco: a descrição amplia-se pela enumeração.

O espaço é um dos elementos estruturantes da ficção. Todo romance está ligado ao espaço, implicado pela ação ou pelo personagem. A representação espacial tem-se modificado ao longo dos tempos. Era evocado como pano de fundo, diante do qual agiam os personagens. Quase não era apresentado como realidade vivida pelo personagem — experiência perceptiva e subjetiva. As formas, as cores, os primeiros planos e os longínquos, tudo isto era o cenário. Os elementos que, acumulados quantitativamente, visavam a criar um efeito de real, através da objetividade, satisfaziam a uma exigência da escola naturalista. O princípio de seleção era abandonado em função da busca exatidão. O realismo vincula o espaço às ações. Seleciona os detalhes, atuando metonimicamente. Em Balzac, o espaço não é apenas o quadro de uma ação romanesca, é o meio no qual ela se banha e ao qual se liga por mil laços: O drama está inscrito nos lugares antes de o ser no desenvolvimento de uma narrativa e o espaço é o avesso congelado de uma ação temporal. Balzac pintou um mundo pleno; o espaço nele é o lugar de uma realização. Nos últimos romances de Hugo e frequentemente em Zola o espaço se impõe ao espírito do leitor como o desdobramento de poderes míticos. A partir de Flaubert assistimos à promoção do espaço suscitado como uma presença à percepção por uma consciência do universo sensível do espaço e do tempo. O abandono da visão onisciente do narrador é substituído pela ótica de uma consciência; o espaço passa a dizer não do mundo mas da consciência que o reproduz.³ Marcado pela subjetividade, o espaço existe a partir da percepção.

Transfigurado pelo mito ou pela desmitificação da escrita, o espaço assume em *Cidade Calabouço* uma função em que predomina o valor simbólico, o espaço de transformações, disfarces e conversões, onde se desdobram os signos. O espaço constitui-se como objeto estético. É verdadeiro "topos" simbólico de um sistema de valores. Supõe realidade exterior ao texto, a literalidade da escrita. A aparente exterioridade do texto, a superfície é uma máscara que nos engana.

³ AUERBACH, E. A l'hotel de la mole. In: —. *Mimesis*. Paris, Gallimard, 1968. p. 465-88.

já que se há uma máscara, não há nada detrás, impede que a consideremos como superfície. A máscara nos faz crer que há uma profundidade, mas o que esta máscara é é ela mesma: a máscara simula a dissimulação para dissimular que não é mais que simulação.⁴

Espaço mítico

Uma cidade se ve mergulhada num carnaval que se eterniza (p. 53), institucionalizado através de decretos e auxílios da Prefeitura: "Prefeito Nicanor Bramante defende o direito de cada um ter a sua fantasia" (p. 22). Nesse espaço mítico instaura-se uma dimensão alegórica que mantém a ambiguidade da matéria ficcional. Em nenhum momento a obra constitui exercício estilístico gratuito: a transcendente presença do Carnaval revela uma dimensão mítica. Tempo e espaço se integram e interacionam. O romancista abandona o fluir cronológico ou mesmo interior da aventura humana, em acumulação de acontecimentos no espaço dominante, numa verdadeira estrutura caleidoscópica. O espaço é dominado por grande comoção coletiva. O indivíduo, na época contemporânea é substituído pela massa, manifestando as inter-relações de uma coletividade, de uma cidade, daí o epicismo (já assinalado por Fabio Lucas).⁵ O antropocentrismo renovado luta por recuperar o sentido em um mundo que exclui o homem. Os românticos já tentaram reagir contra a violação da unidade básica integrada pelo eu e o universo. A alienação do homem reduziu-o a uma acumulação de fórmulas previsíveis que impossibilitaram uma procura ontológica.

Carnavalização e simbolismo

Pensar o mundo no espaço e não no tempo, através da simultaneidade, adivinhar suas relações sob o ângulo de um momento único, confere ao momento presente múltiplas possibilidades, um sentimento cósmico de presente eterno: as ações são reunidas numa aproximação dramática em lugar de devir. É uma realidade dinâmica que se estende espacialmente, um mundo se fazendo.

A natureza espacial predominante em *Cidade Calabouço*, entre outros aspectos, coloca-o na textura do carnavalesco e do simbólico. A narrativa de predominância paródica, como esta, diminui o projeto humano, baixando a estatura heróica. No sistema narrativo, Rui Mourão coloca elementos aparentemente em oposição, que interrompem a narração, opondo o modelo à paródia. O agenciamento dos pormenores num contexto de paródia, onde as exigências da narração contrariam a continuidade num sistema de espelhos deformantes fazem do leitor cúmplice, frustrando o desejo de ordem e de coerência, enquanto o autor lhe impõe uma nova figura da ordem: o fan-

⁴ BAUDRY, Jean Louis. *Ecriture, fiction, idéologie*. *Tel Quel*, Paris, (31):15-30, 1967.

⁵ LUCAS, Fábio. Tensão e inércia em *Cidade calabouço*. *Minas Gerais, Belo Horizonte*, 2 mar. 1974 Suplemento literário, p. 8.

tástico. Coloca o leitor dentro do quadro do fantástico e situa a ficção dentro do universo temporal do leitor. As alusões a lugares reais enraízam a ação na "realidade" tentando autentificar a organização, narrativa e seu funcionamento fictício por um envio à dependência referencial. Dumezil coloca a passagem do mito ao romance neste processo. Para Lacan, o real é o que se exclui do processo da simbolização, a realidade será o próprio imaginário, um pedido de reconhecimento dos feixes de significados onde se fala da vida. Essas alusões reforçam um desenvolvimento farsesco com o qual a realidade nada tem a ver: "Avenida Amazonas, ao lado do Cine Brasil", "Praça Sete", "Xique-xique Carnaval Belorizontino" e singularizam, numa postura de participação crítica, a desautomatização. A paródia, o disfarce, o burlesco são da mesma ordem, embora de natureza diferente. Esses instrumentos do cômico nos enviam, assim como a ação, a um contexto que parece deslocado. O desenvolvimento é aberto, dialógico. A representação formal do caos obtém, ao nível da forma, um efeito de descontinuidade. A intriga caracteriza-se por um encadeamento de ações e motivos, através de desenvolvimentos parciais, que vai paralelo à afirmação de um sistema de valores, por ambíguo que seja. A arte torna-se meio de "introduzir um princípio de ordem no universo":

Porque quem vive é para se assustar de repente esquecido até que existiu, é para enfrentar os momentos explodidos alucinantes e sobrar com a glória instantânea de haver desafiado o próprio caos (p. 10-11).

O Carnaval, situado num espaço neutro e um tempo que não é o da vida cotidiana torna-se um modo de pensamento e uma maneira de agenciar esteticamente. Por sua natureza ritualística, apresenta a vida "às avessas", através da relatividade dos valores.

O homem, dissociado das forças cósmicas e alienado da realidade pela redução do conhecimento ao estritamente empírico, procura sua essência perdida ("numa lembrada esquecida presente consciência de manhãs frescas e orvalhadas" — p. 63) através de um redimensionamento do mito. O tempo perde sua irreversibilidade e o espaço a unicidade, o que possibilita a passagem de um tempo a outro e a superposição de planos espaciais. Permite ser dentro de uma dinâmica, como a acumulação reiterativa de verbos ou núcleos nominais: "todo mundo já corria se jogava, perseguindo empurrando a emoção" p. 1). A multidão frenética irá ser comandada por Dionísio, figura arquetípica, e iniciará o sacrifício dos retirantes, o único grupo sedentário dentro da coletividade descrita. O mito do caos primogênito e o do Apocalipse conjugam o feixe de significantes para uma leitura do mundo contemporâneo, encerrando as personagens num sistema de relações de força magicamente instauradas. A vida encontra-se lado a lado da arte, que mata e ressuscita a realidade no momento em que a faz significar.

REFERÉNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- AUERBACH, E. *Mimesis*. Paris, Gallimard, 1968. 559 p.
BAUDRY, Jean Louis. *Ecriture, fiction idéologie*. Tel Quel Paris, (31): 15-30, 1967.
ELIADE, Mircea. *Le sacré et le profane*. Paris, Gallimard, 1965. 188 p.
LUCAS, Fabio. *Tensão e inércia em Cidade calabouço*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 2 mar. 1974. Suplemento literário, p. 8.
MOURAO, Rui. *Cidade calabouço*. São Paulo, Quiron, 1973. 108 p.

Resumo

A literatura contemporânea, por seu caráter de disseminação obriga-nos a reexaminar os métodos de sua análise. A especificidade do signo verbal demonstra, ao mesmo tempo, a autonomia do fenômeno literário. No romance de Rui Mourão, *Cidade Calabouço*, o espaço é um dos elementos da estruturação do texto e adquire valor simbólico ao lado da presença do Carnaval — dimensão mítica. O espaço entra como constituição de um objeto estético. Por tudo isto, nós o consideramos como narração de predominância paródica, com um desenvolvimento aberto e dialógico. Podemos classificá-lo como neobarroco e inserido no realismo-mágico.

Résumé

La littérature contemporaine, par son caractère de dissémination nous oblige à reexaminer les méthodes de son analyse. La spécificité du signe verbal démontre, en même temps, l'autonomie du phénomène littéraire. Dans le roman de Rui Mourão, *Cidade Calabouço*, l'espace est un des éléments de la structuration du texte et acquiert une valeur symbolique à côté de la présence du Carnaval — dimension mythique. L'espace y entre comme constitution d'un objet esthétique. Pour cela, nous le considérons comme narration de prédominance parodique, avec un développement ouvert et dialogique. Nous pouvons le classifier comme neo-baroque et inséré dans le réalisme magique.